

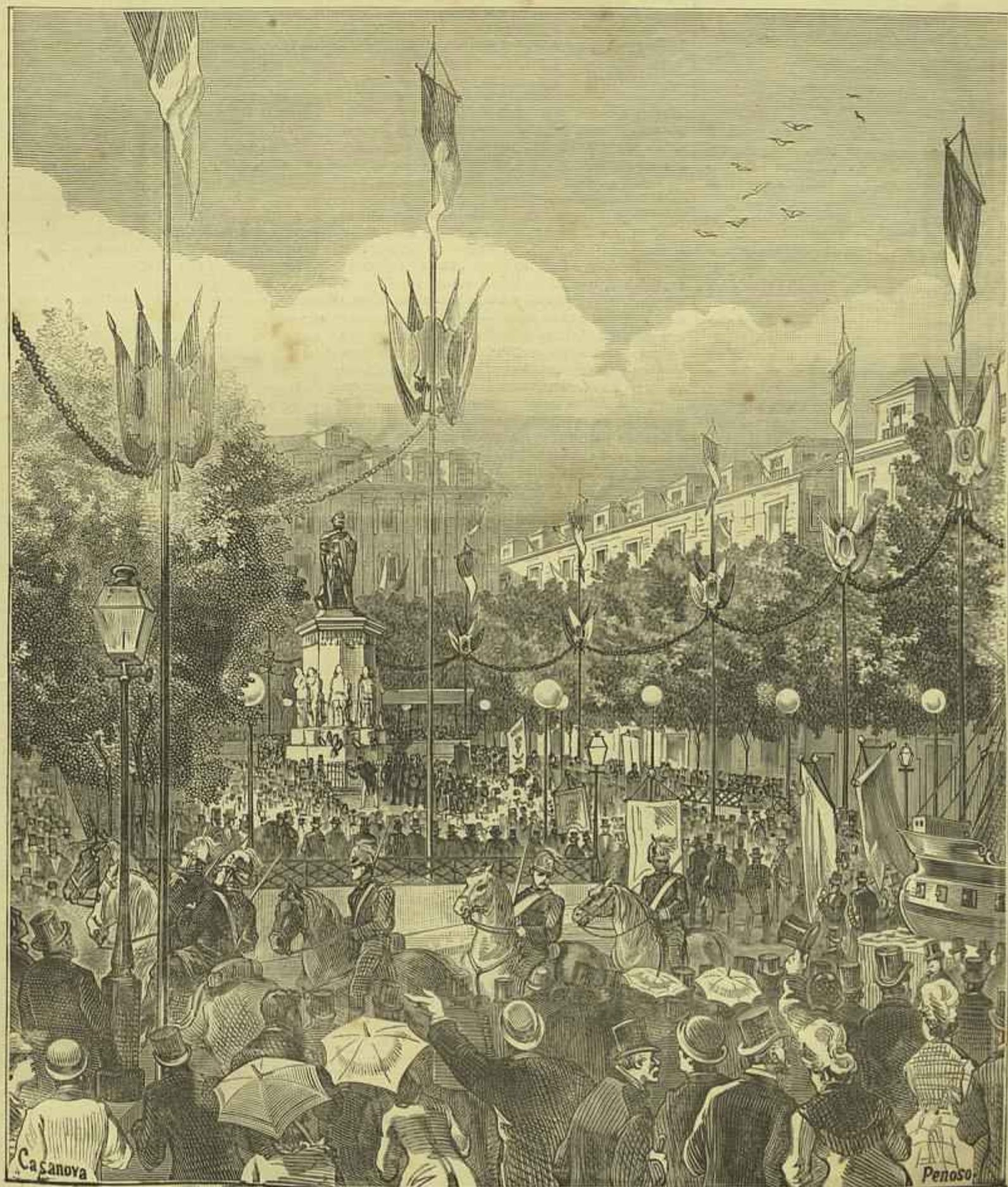
# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO  
ESTRANGEIRO

3.º ANNO

1 DE JULHO DE 1880

VOLUME III—N.º 61



FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES — CHEGADA DO CORTEJO CIVICO Á PRAÇA DE LUIZ DE CAMÕES (Desenho do natural por Casanova)

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Antonio Eleuterio Dantas, J. M. LATINO CORREIO — As nossas gravuras — Viagem dos srs. Hormenégildo Capello e Roberto Ivens na Africa equatorial, ALBERTO DE CERVAES — Thackeray em Lisboa, ALBERTO TELLES — Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas, BRITO REBELLO — De Buenos Aires à Pampa, FRANCISCO D'ALMEIDA — Uma fanfarronada, ALBERTO BRAGA — Bibliographia.

**GRAVURAS.** — Festas do Centenario de Camões, chegada do cortejo civico à praça de Luiz de Camões — O Pavilhão da praça do Commercio na occasião de ser assignado o auto do cortejo civico — Antonio Eleuterio Dantas, novo governador da provincia de Angola — Festas do Centenario de Camões, iluminação da Praça de D. Pedro — iluminação da rua Aurea — Enigma.

**SUPPLEMENTO.** — A procissão civica em Lisboa, no centenario de Camões — 10 de junho de 1880.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Das festas do centenario ainda se escutam uns derradeiros echos, mas estes echos, devemos dizel-o em abono da verdade, não são da natureza d'aquelles que mais affagam os ouvidos.

Toda a gente sabe qual a obra verdadeiramente prodigiosa levada a cabo pela commissão da imprensa. Em primeiro logar teve de proceder a uma obra de titães. O espirito publico dormia ha cerca de meio seculo e ella teve de o acordar. Posto em pé, ainda estremunhado, foi preciso convencel-o da magnitude do facto que se pretendia commemorar. Elle estava *blasé* e foi necessario communicar-lhe a sentelha do enthusiasmo. Durante sessenta dias e sessenta noites a commissão da imprensa lidou tenazmente no empenho de fazer d'um sceptico um *illuminado*, e quando chegou a vespera do dia 10 de junho ainda, todavia, se dava o seguinte facto: — havia muita gente que soltava bravos ao apprehendimento, mas que no seu intimo soltava apenas gargalhadas.

E a procissão civica sahio do Terreiro do Paço saudada de começo por um disfarçado sorriso de desdem — dos primeiros andares, e chegou a praça de Camões aclamada pela commoção d'uma população inteira! A commissão da imprensa tinha realisado a obra civica mais prodigiosa dos nossos dias. D'um povo indifferente fizera um povo entusiasta. Communicara a *chamma sagrada* a duzentas mil almas. Ordenara o cahos no Terreiro do Paço, por intervenção d'um programma, e pozera-o em marcha sem intervenção da policia. Fizera a admiração dos estrangeiros e insulfara no espirito publico a convicção de que os povos ainda são susceptiveis de fazer alguma coisa mais digna do que *eleições*.

A commissão da imprensa estabelecera definitivamente na consciencia popular a supremacia de Camões sobre a do regedor de parochia.

Ora agora o governo, depois d'esta festa unica, que elle de fórma alguma seria capaz de levar a effeito por que lhe faltam para isso varios predicados sendo um dos primeiros — idéas, o governo, acabada a solemnidade, manda dizer por um dos seus órgãos a commissão da imprensa o seguinte — isto só a pau!

Foi a unica portaria de louvor com que elle premiou a dedicacão dos promotores dos festejos e, devo confessal-o, embora o meu intento não seja fazer opposição ministerial: não me parece por demais carinhoso o intento do governo. Isto só a pau pôde ser uma phrase amavel applicada á forma por que os governos constituídos teem dirigido nos ultimos tempos a causa publica, mas conferil-a como unica recompensa á commissão executiva, não se me afigura na verdade um acto d'extrema bizarraria, se bem que no caso sujeito se deva, por muitos motivos, proferir ao habito de S. Thiago.

Entretanto o que é certo é que a phrase, ao menos pela excentricidade, chegará com mais facilidade ao centenario seguinte do que a memoria dos ministros. Nos fins do seculo xx o — isto só a pau, ficará como documento da abundancia de bilis e da falta de chá que concorre no organismo da imprensa politica do nosso tempo.

Bem entendido que o chá é aqui tomado na sua acepção symbolica e não como agente das despepsias que teem feito a infelicidade de tantas gerações.

Emfim a commissão da imprensa dispõe-se a publicar o *Livro do Tricentenario*. Será preciso que essa obra seja composta com uma grande serenidade e tenha o caracter d'um documento legado ao futuro. A Commissão da Imprensa saberá de certo fazer o uso conveniente d'essa arma terrivel, distribuindo justiça a quem a tiver, desde os artistas que se serviram da madeira para executar nos carros triumphaes algumas obras primas, até á imprensa governamental que se serviu do pau para fazer *sarilho* em frente dos organizadores da festa.

Um dos jornaes d'essa rara imprensa annunciava ha dias que no caso do livro em questão se referir aos actos do governo, a *imprensa progressista* publicará um livro por sua conta e efferecerá uma coroa ao grande épico!

Vejam como a apothose derradeira de Camões está dependente d'uma descompostura!

— Depois do jubileu Camoneano principia o jubileu do Passeio publico nas noites de quintas e domingos. A orgia da briza este anno será, segundo se pensa, mais moderada em Lisboa, e o Passeio não parece resolvido a proporcionar á população o deboche quotidiano com que nos annos anteriores tem derrancado a sensibilidade das familias por intervenção do *potpourri* e da mazaruka. Entretanto nas vespersas de Santo Antonio e S. João lá se vian na rua do centro as duas *piras fumejantes* aonde os *ternos corações* das donzellas e dos amanuenses vinham queimar as alcaxofras das suas esperanças, entre o silencio respeitoso das familias que ainda comprehendem todo o alcance d'este uso pagão de que nem sequer o proprio ministerio da fazenda consegue libertar-se.

E a prova é que, de quando em quando, annuncia a queima de titulos de divida publica no Terreiro do Paço, com a *esperança* de se libertar d'elles, e elles cada vez crescendo mais.

O mesmo exactamente que succede aos amanuenses com os amores.

— O *Colliseu* de Lisboa continua a manter a pompa do seu nome proporcionando de mez a mez uma outra celebridade á população sedenta de novidades. Depois do violinista Sarasate chegou a prima-dona Bianca Donadio, que não tem propriamente no canto a precisão geometrica que o notavel concertista manifestava no seu *stradivarius*, mas que em todo o caso é uma bonita celebridade para verão — e mesmo para inverno.

Na noite da estreia da Donadio, no *Colliseu* corriam as mesmas opiniões descecontradas que sempre se ouvem no salão de S. Carlos, em noites de debute. Não temos publico para formar um juizo seguro á primeira e isto explica a vacillação dos primeiros juizos. É este o motivo por que alguns cantores pateados mal abrem a boca, acabam com todos os *diletanti* atrelados ao seu carro de triumpho, quando a fecham no fim da epocha.

Em todo o caso, dadas as condições do *Colliseu* — o contraste violento que se manifesta entre uma formosa mulher vestida de seda côr de roza e a sem-ceremonia da geral, de chapéu derrubado e cigarro atraz da orelha, por lhe ser prohibido tel-o na boca; os ruidos impertinentes que, de quando em quando, perturbam o silencio da sala; levando em conta o choque que deve experimentar o publico por ver repentinamente surgir no tablado, em vez d'um funambulo uma *diva*; — o triumpho obtido pela Donadio pode considerar-se como um dos mais assignalados que nos ultimos an-

nos entre nós tem sido ganhos por uma cantora.

De mais a mais as prima-donas bonitas quasi sempre se permitem a liberdade de cantar mal. Ora a Donadio é bonita e canta bem, duas circumstancias que impõem aos *diletanti* a obrigação dupla de a agradecerem ao empresario Amann com todas as veras d'alma. Devemos mesmo perdoar ao cartaz a extrema fantasia de a apresentar como *rival* da Patti por que em suma, o cartaz procedendo assim usa d'um processo ingenue muito proprio para captivar a ingenuidade publica. Uma *rival* qualquer que ella seja, no coração ou na voz, desperta sempre o interesse das populações.

Posta a Donadio em S. Carlos, com o prestigio do scenario e o insenso das *cadeiras*, a Donadio será sem restricções o que la fóra quem que ella seja: uma das cantoras de melhor methodo, de mais bella voz e de mais correctas formas, do nosso tempo. N'este ultimo ponto o *Colliseu* perfilha inteiramente ao que parece, a mesma opinião.

— Falla-se em que no futuro bairro Camões, teremos no futuro anno de 1882 uma exposição que alguns querem que seja nacional, outros peninsular, outros universal.

Seja como for, d'uma festa de tal natureza pôde sempre vir mais bem do que mal: portanto, em principio, devemos todos gritar, — faça-se a exposição. E se a idéa foi provocada pela inauguração do bairro, e a inauguração pelo tricentenario de Camões, aqui temos nós já um milagre feito por intervenção d'um d'estes *canonisados* que o seculo XIX começa a inscrever no seu *Flos sanctorum*.

Em todo o caso deveria antes de tudo pensar-se no seguinte. A intentarmos uma festa de tal natureza não a deveriamos antes realisar á beira do Tejo, de preferencia a realisar-a nos sualcos d'um monte circundado de casebres mais ou menos venerandos? . . .

É preciso que, d'uma vez para sempre, nos convençamos do seguinte: qualquer que seja a porção de calumnias que a antiga poesia lyrica lançasse sobre esse rio benemerito, o que é certo é que supprimindo agora a Carta, por exemplo, Portugal ficava tal qual é, supprimindo o Tejo não nos ficava coisa nenhuma!

GUILHERME D'AZEVEDO.

## ANTONIO ELFUTERIO DANTAS

O benemerito official, cujo retrato enobrecce hoje as paginas do OCCIDENTE, é o sr. conselheiro Antonio Eleuterio Dantas, capitão de fragata da armada nacional, e governador geral da provincia de Angola. Para administrar esta vasta, e a mais importante de todas as possessões ultramarinas de Portugal, elegeu o governo ha pouco tempo a este digno official. Raras vezes a nomeação para cargo tão subido e de tamanha gravidade terá recaído em quem mais a merecesse pelas qualidades da sua intelligencia e do seu caracter e pela maneira sempre exemplar, com que em todas as funções publicas o sr. Dantas soube alliar a mais inflexivel austeridade e a mais severa consciencia com as virtudes, que illustram o cidadão, engrandecem o marinheiro e tornam estimavel nas relações da sociedade e da familia o homem particular. O sr. Dantas na sua vida antecedente, sempre inspirada nos principios mais austeros e sempre autorizada pelo estado e pela observancia do dever, offerce-nos um augurio felicissimo de que na elevada magistratura, que foi chamado a exercer, saberá manifestar, ainda em grau mais eminente e proporcionado á alteza do seu novo officio publico, os mesmos predicados do espirito e do coração, de que deu claros testemunhos desde que vestiu a primeira vez o honroso uniforme da sua nobilissima corporação.

O sr. Dantas assentou praça de aspirante a guarda marinha em 2 de outubro de 1851. Cursando com grande aproveitamento os estudos da sua arma, recebeu os galões de guarda marinha em 6 de dezembro de 1853. Pouco mais de quatro annos depois, a 3 de fevereiro de 1858, entrava na corporação dos officiaes da armada, no posto de segundo tenente.

A lentidão extrema no accesso obrigou-o a permane-

cer no primeiro posto os onze annos, que decorreram desde a data da sua promoção a segundo tenente até 3 de fevereiro de 1869, em que passou á categoria immediata. A 10 de novembro de 1877 foi promovido a capitão tenente. Finalmente a 20 de maio de 1880 obteve o posto de capitão de fragata, sem prejuizo de antiguidade, por ter sido nomeado governador geral de Angola. Recebeu tambem por esta occasião o titulo de conselheiro, como dignidade inherente ao cargo de governador geral.

Na sua carreira naval o sr. Dantas durante muitos annos embarcou de guarnição em varios navios e fez numerosas viagens. Na fragata *D. Fernando*, nas corvetas *Nova Goa*, *Bartholomeu Dias* e *Stephanía*, no brigue *Mogambique*, na escuna *Cabo Verde*, no vapor *Mindello*, no patacho *S. Pedro*, teve o sr. Dantas occasião de revelar as suas qualidades valiosas de homem do mar e os seus dotes de primoroso cavalheiro. N'um ou n'outro d'estes navios percorreu os mares do globo, ou serviu com honra e distincção em varias estações.

Durante o largo tempo, em que navegou, teve occasião de servir na costa occidental e na oriental da Africa, e estacionou nos portos de Loanda, Mossamedes, Benguella, Ambriz, Lourenço Marques e Moçambique. Visitou em diferentes commissões e em varios navios o archipelago de Cabo Verde e as ilhas de S. Thomé e Príncipe. Foi por diferentes vezes aos estabelecimentos portuguezes de Bissau e de Cacheu. Ficou-lhe sendo familiar todo o immenso littoral do continente africano. As aguas americanas viram-n'o igualmente brioso official e distincto navegador. Servindo na estação naval da America do Sul, esteve no Rio de Janeiro, na Bahia, no Rio da Prata. Andou por algum tempo cruzando nas aguas do Algarve e quando official de guarnição na corveta *Bartholomeu Dias*, fez diversas viagens aos portos europeus, Gibraltar, Genova, Bordens, Ville-Franche e Londres. O sr. Dantas não é pois um d'estes officiaes, que educados para o mar, passassem os annos mais florescentes da sua juventude no quieto remanso das commissões de terra, depois de haver cumprido a obrigação do tirocinio para o posto de segundo tenente. Durante largos annos viveu a vida aventureira do marinheiro, cursando os mares do globo desde o Atlantico e o Mediterraneo até o Oceano indico, affrontando as tremendas borrascas do cabo Tormentorio, e completando praticamente a sciencia theorica do mar n'estes dois grandes livros, que estão abertos ao navegante, e se chamam o mar e a atmosphera, cuja lição tem por seus perpetuos commentadores a tempestade e o naufragio. Nas suas varias e dilatadas navegações o sr. Dantas ponde accrescentar o seu peculio de saber naval e conquistar os creditos legitimos de um excellento navegador.

Em 1868 achando-se de guarnição na corveta *Stephanía*, ancorada no porto de Lisboa, foi nomeado ajudante de ordens do ministro da marinha. Decretada por aquelles tempos uma nova organização da secretaria de estado e dando-se officiaes da armada por chefes e adjunctos ás repartições na direcção geral da marinha, foi o sr. Dantas nomeado adjuncto da primeira repartição. Pouco depois a sua reputação de distincto official, o seu conhecimento dos negocios da marinha, o seu provado zelo no serviço, a seriedade inquebrantavel do seu character, o seu amor da justiça e rectidão, e o zelo que mostrava pelo progresso e aperfeiçoamento da nossa força naval, determinaram o ministro a nome-lo chefe da primeira repartição, onde serviu até ser ultimamente investido nas funções de governador geral de Angola. E é bem accrescentar que o sr. Dantas, em vez de a solicitar, reluctou por algum tempo a acceptar a nomeação, temendo que os espiritos dicases attribuissem ás amigaveis relações entre o ministro e o seu ajudante o que era apenas confiança na sua austeridade e competencia. Em quanto exerceu as funções de chefe de repartição, deu sempre os mais claros testemunhos do seu amor á arma illustre, que o unia entre os seus mais dignos officiaes. A sua incessante diligencia em promover o melhoramento das nossas instituições navaes se deveu a criação da escola de aprendizes marinheiros, cujos resultados, com ser ainda tão recente aquella proveitosa fundação, estão já testemunhando quanto foi benefica para a nossa marinha de guerra a honrada influencia official, que o sr. Dantas como chefe de repartição, exerceu por muitos annos nos negocios da marinha.

Differentes ministros, com quem serviu e por quem foram sempre havidas em alto prego as qualidades do sr. Dantas, o nomearam para fazer parte de diferentes commissões, entre outras as que foram encarregadas de redigir um projecto de regulamento para o corpo de marinheiros, um plano de reorganização da escola naval e companhia dos guardas marinhas, e o regulamento para a execução da lei de 22 de fevereiro de 1876, que instituiu a escola de aprendizes marinheiros.

Tal, bosquejada em traços fugitivos, tem sido até hoje a carreira official do sr. Dantas nos serviços, que tem desempenhado.

Elevado a mais altas e importantes funções, faz-nos justamente esperar que ha de confirmar pelos seus actos na difficil administração de uma vasta provincia ultramarina e conciso, que soube conquistar. Quando um homem na vida particular e no serviço do estado abraçou desde os primeiros annos como principios inextoraveis a rectidão da consciencia, a honestidade do character, o amor da justiça, o respeito da lei, a preeminencia do bem publico sobre as valias e respeitoes pessoases, podemos ter fé implicita de que levantado ás grandes magistraturas, saberá defender com tanto zelo a dignidade e os interesses do estado como, quando era official do quarto, velava impassivel e attento, no meio das tempestades e dos perigos, pela segurança do navio.

J. M. LAVINO GOELHO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

(AS FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES)

O cortejo civico do dia 10 de junho. — O supplemento que hoje damos a este numero do OCCIDENTE representa a imponente solemnidade que ainda não ha muitos dias Lisboa presenciou; realisada em vista do programma formulado pela commissão executiva da imprensa.

É d'entre as festas modernas a mais grandiosa que Lisboa tem presenciado e a nossa gravura dá uma idéa de seu aspecto geral. Dos carros triumphaes que acompanharam o imponente cortejo e dos artistas que os delinearão já fallámos na chronica do ultimo numero. Foi uma festa que honrou a nossa civilização e impressionou profundamente todos quantos a presenciaram pelo respeito que n'ella se observou, pelo enthusiasmo com que a população a acolheu, pela ordem admiravel e quasi inconcebível com que foi levada a cabo.

No cortejo civico figuravam todas as corporações e associações de Lisboa, com os seus estandartes desfilados, commercio, industria, exercito, marinha, funcionalismo, corpos escolares, todos os ramos da actividade nacional, todas as forças vivas da nação, congregadas para honrar um nome que symbolisa as glorias e as tradições da patria.

Se esta data será um ponto de partida para novos esforços e novos empreendimentos que possam estimular a energia da nossa raça, o futuro se encarregará de o dizer. O que é certo é que o cortejo civico do dia 10 de junho foi pelo menos um symptoma manifesto de que na consciencia nacional ainda resta um grande fundo de comprehensão do que o nosso tempo deve ás tradições e do que tem a dever ao porvir.

*Chegada do prestito civico á Praça de Luiz de Camões.* — Foi um dos episodios mais commovedores da festa o acto solenne da passagem de todas as corporações em frente da estatua do grande épico. As coroas conduzidas pelas diversas corporações, entre as quaes algumas havia riquissimas, iam sendo depositas no pedestal do monumento entre as saudações clamorosas da multidão que victoriava o imponente prestito, desfilando sempre com aquella gravidade e aquella inconcebível disciplina com que tinha sahido do Terreiro do Paço, atravez das fileiras espessas do povo, sem o mais leve obstaculo sem a mais ligeira confusão. A nossa gravura representa este acto magestoso que por muito tempo ficará gravado na memoria de todos quantos presenciaram como um dos mais solennes e mais dignos que entre nós se tem celebrado.

*O pavilhão do Terreiro do Paço na occasião de ser assignado o auto do cortejo civico.* — No elegante pavilhão levantado pelo architecto José Luiz do Monteiro, na Praça do Commercio, tomaram logar na manhã do dia 10 de junho, o rei, a rainha e os altos corpos de estado, e ali foi assignado o auto do cortejo civico com a penna d'ouro offerecida á municipalidade pela commissão executiva da imprensa, em prova do bizarro auxilio que o primeiro municipio do reino trouxe a realisação de tão patriótica solemnidade.

A nossa gravura representa o aspecto da praça durante esta solemnidade, antes do cortejo se pôr em marcha, desfilando por diante do elegante pavilhão e das graciosas galerias semi-circulares que o ladeavam.

*A iluminação da Praça de D. Pedro.* — Sem ser das mais brilhantes foi das mais originaes e mais dispendiosas a iluminação d'esta magestosa praça nas tres

noites de festejos. Em volta do monumento havia altos postes embandeirados sustentando em meia altura um escudo illuminado a gaz. Em volta as fachadas das casarias eram todas illuminadas a giorno com grande profusão, bem como a ramaria do arvoredo d'onde pendia grande quantidade de balões venezianos. A não ser uma impertinente aragem que reinou nas duas primeiras noites, a iluminação da praça de D. Pedro teria sido uma das mais dignas d'attenção entre o grande concurso das muitas que n'essas noites deram a Lisboa um aspecto phantastico quasi impossivel de descrever.

*A iluminação da rua Aurea.* — Uma das melhores, mais sumptuosas e mais bem dispostas. Ao longo da rua, d'um e outro lado, postes doirados sustentando grandes serpentinas de crystal, e suspendendo uma floira de globos foscos illuminados a gaz. A concorrência n'esta rua foi sempre prodigiosa, e a rua Aurea realisou completamente o esplendor do seu nome, e os creditos d'opulenta que lhe são attribuidos pela natureza do seu commercio.

## VIAGENS

DOS REIS.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

Deixando a região lacustre de que já fallamos, pelo logar do hypothetico Aquilonda, Capello e Ivens voltaram para sudoeste, retrogradando, n'outro logar d'este escripto diremos porque.

Entre o macisso montanhoso que se pôde considerar como começando o plan'alto do continente africano e que, no ponto de que estamos falando, é principalmente composto por Tala Mogongo e suas ramificações, e a região montanhosa propriamente dita que corre ao longo da costa, existe um valle profundo e largo, orientado, como as elevações que o limitam, de norte a sul.

Foi para esse valle que os exploradores portuguezes desceram ao voltarem.

N'esse intento passaram nas nascentes do rio Sussa grande affluente da margem direita do Cugho, até então indeterminado, que nasce no alto Dange, que é o nome que tem uma das grandes divisões do Ginga, e que atravessa as terras de Matamba.

Começaram então logo Capello e Ivens a descer a vertente oeste de Tala Mogongo no logar chamado Quizo.

No grande valle de que ha pouco fallamos correm dois grandes rios: um que se dirige para o norte a entrar no Cuango, é o Caodli; o outro que vae ao sul entrar no Cuanza, atravessando com elle as terras portuguezas, é o Lucalla.

Do alto ainda de Tala Mogongo, em N'Gana Mujinga, os exploradores poderam, por determinações azimuthaes marcar as nascentes do rio Lucalla, na vertente leste da região montanhosa.

Fica essa nascente no sul das terras do Finde nos domínios do Soba Calumbo Canjinbo, cerca de dezolto leguas a suêste de Enochoe ou, segundo os indigenas, N'Hoje.

As terras do Finde que os exploradores percebiam apenas a distancia, nos horisontes de noroeste, são grandes planicies quasi desertas, com pouca agua que dizem ser cobertas de Capim, por onde o trilho commercial do Cuango para a Costa, que leva tres dias a andar, atravessa raros affluentes do rio Loge, — o Mucoco, e o Emba que passa na Sanzala do celebre Mutemo Ambuila.

As nascentes do Loge ficam ao norte d'estas terras, nos povoados do Soba M'Puri.

Nos valles profundos em que os exploradores portuguezes entravam ao descer de Tala Mogongo a vegetação é immensa e espessissima. Por toda a parte se encontram enormes Euphorbeaceas. A canna de assucar apresenta-se abundante e silvestre por toda a parte,



FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES — O PAVILHÃO DA PRAÇA DO COMMERCIO NA OCCASIAO DE SER ASSIGNADO O AUTO DO CORTEJO CIVICO (Desenho do natural por Casanova)



1 Carro dos bombeiros voluntários.—2 Galeão português do século XVI.—3 Carro triumphal do Commercio e Industria.—4 Carros de flores e corôas.—5 Carro triumphal da Agricultura.—6 Carro triumphal das Colonias.—7 Carro triumphal da Arte.—8 Carro triumphal militar.—9 Carro dos estudantes de infantaria e cavallaria.—10 Carro triumphal da Imprensa.

A PROCISSÃO CIVICA EM LISBOA NO CENTENARIO DE CAMÕES—10 DE JUNHO DE 1880

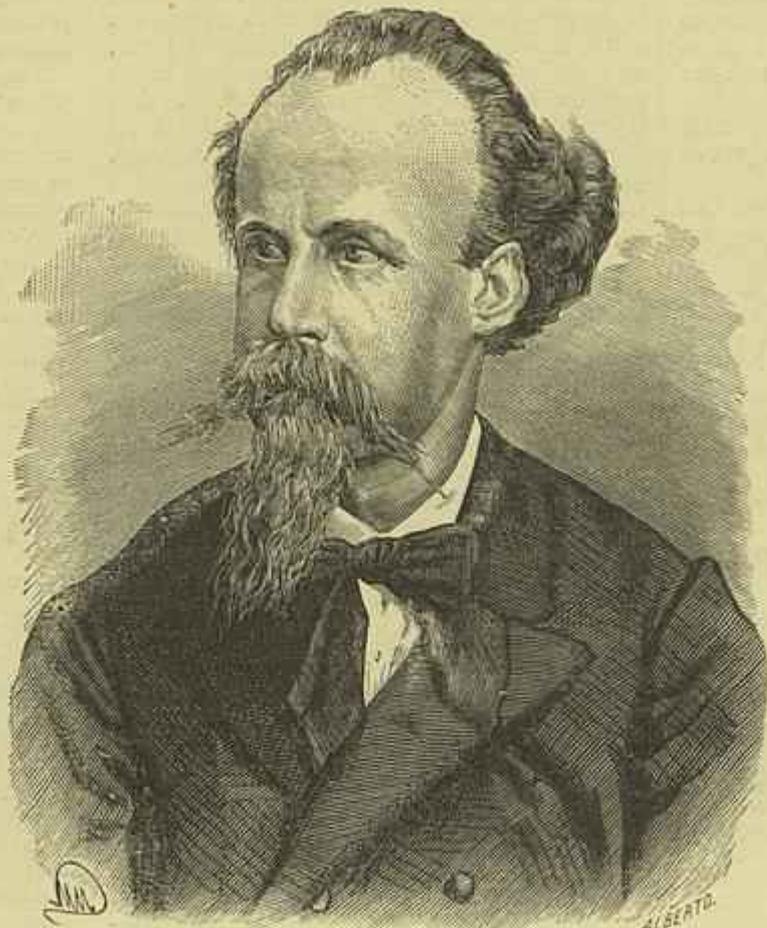
bem como o tabaco, a palmeira *Elasti Guineensis* e a Ginguba ou *Arachys*, cobrindo os granitos, mais ou menos desagregados ou occultos pelas camadas negras de terra vegetal.

Ao sul das nascentes do Caouli, Capello e Ivens encontraram uma corda de montes. São estes que, do noroeste a sueste, vem, ao longo da Lucalla, ligar o systema orographico da região montanhosa de oeste, com a região mais central de Tala Mogongo.

Aquella linha de montes divide tambem os dois systemas hydrographicos d'esta parte d'Africa: o do norte em que as aguas vão, mais ou menos directamente, ao Congo e o do sul por onde correm affluentes da margem direita do Quanza.

Os exploradores portuguezes subiram a encosta norte d'estes montes, deixando as nascentes do Caouli e, ao descerem a sua vertente sul, encontraram as cabeceiras do Loando.

Este ponto, com uma área em volta de tal vez dez leguas quadradas, forma uma d'essas regiões hydrographicas, tão frequentes n'Africa austral, d'onde os rios irradiam nas mais diversas direcções. É d'esse grupamento montanhoso que saem o Caouli, o Sussa, affluentes do Cugho, para leste e, por isso do grande Congo; e tambem o Hamba e o Luache que são affluentes do Cambo, que é affluente do Cuango, descendo, estes tres ultimos, pela vertente leste



ANTONIO ELEUTERIO DANTAS — Novo governador da provincia de Angola  
(Segundo uma photographia de Camacho)

de Tala Mogongo. E tambem d'alli que nasce o Loando, para sul correndo e affluindo ao Quanza.

Corre este rio por entre grandes planicies, quasi sempre alagadas, por onde as aguas correntes transbordam e a vegetação rareia. Estas planicies cobertas de capim, com grupos de *Marianga*, que é uma graminea muito semelhante á canna, do continente portuguez, acacias raras e pequenas, euphorbeas e lyrios brancos de grandes folhagens verdes dentro das aguas, estas planicies estendem-se com uma grande uniformidade de caracter na região que fica entre o Loando e o Lucalla.

N'ella as Sanzalas de povos dependentes do Chefe da Ginga são numerosas. Junto d'ellas encontram-se verdadeiras florestas de bananeiras, a palma-chisti, o aloes, a canna d'asucar, e muitos sycomoros.

Os viajantes portuguezes atravessaram estes territorios na epocha das cruvas. A disposição dos terrenos e as informações colhidas, fazem-nos supôr que elles tem sempre pouca, mais ou menos, a physionomia que fica esboçada.

O grande valle entre Tala Mogongo e a região montanhosa de oeste, é occupado ao norte pelas terras do Danje e, ao sul, já propriamente entre os rios Lucalla e o Loando de que temos fallado, pelas terras do Vunda de Cassanda vassallo do da Ginga.



FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES — ILLUMINAÇÃO DA PRAÇA DE D. PEDRO (Desenho do natural por Cassanova)

Ao sul, e pouco antes de voltar o seu curso para oeste em busca do grande afluente do Cuanza, o Loando deixa as planícies e passa apertado n'uma quebrada que tem todavia um pequeno desnível.

Ao norte porém as terras são muito mais altas. D'ellas se despenha o Lucalla pela grande cascata de Lianzundo.

Esta queda de agua, muito formosa, tem uns 25 a 30 metros de altura e seus 50 de largura. O rio antes de cair n'este ponto alarga-se muito por uma planície semeada de ilhotas de granito que afloram ás vezes em massas consideráveis. N'essa planície, como já notei, a vegetação é pouco considerável; mas já na quebrada, ao pé da cascata, os arvoredos são espessíssimos, e, mesmo abaixo da queda das aguas, poderam os viajantes observar, com surpresa, formosíssimas laranjeiras.

Cerca de duas milhas e meia mais abaixo, as aguas do Lucalla correm rapidamente em cachoeiras por quatro canaes diferentes cavados entre os blocos do granito.

(Continúa)

ALBERTO DE CERVAES.

## THACKERAY EM LISBOA

### IV

O mosteiro dos Jeronymos em Belem. — Pina Manique, a primeira invasão dos francezes e D. Pedro IV. — Os musicos da Casa pia e os musicos de Babilonia.

Do edificio dos Jeronymos é que elle ficou encantado! Ao passo que o arrojo d'aquella sublimada concepção, os bestilões e lavores da pedra, lhe enfeitam os olhos do corpo e do espirito, as innocentes creanças que o rodeiam, arrancadas pela mão da caridade aos abysmos da fome e da miseria, produzem no seu animo a mais agradável commoção. Aconteceu que o *cicerone* fallava excellentemente francez, e muito o captivaram tambem a usual affabilidade e a primorosa cortezia portugueza. Traduzido livremente, é isto o que elle diz:

«Vae só um passo d'alli a um estabelecimento que ora está n'um periodo de maximo vigor e desenvolvimento: asylo respeitavel para mil rapazes e raparigas, fundado por D. Pedro, que para esse fim concedeu o soberbo mosteiro de Belem, com seu templo magestoso, seus claustros esplendidos e seus vastos e arejados dormitórios. Se vissem este convento profanado, os senhores de Oxford choravam só de pensar que os tonsurados e os habitos brancos cedem aqui o logar a um milhar de creanças que nem sequer tem clerigos para os instruir. «Cada pequeno escolhe a sua profissão» disse o rapazinho nosso informador, o qual, com maneiras muito respeitadas e distinctas, se nos dirigiu em francez mais puro do que os meus companheiros e eu poderíamos fallar. O seu vestuario, posto com acção e precisão militar, e feito de uma fazenda ordinaria, era em tudo igual ao das mais creanças que nós vimos. Fazia gosto entrar nas diferentes aulas onde uns estavam de volta com as mathematicas, outros a desenhar, outros á espera da lição do mestre alfaiate, e outros lançados aos pés do professor da sciencia de fazer sapatos. Todas as roupas de uso são feitas pelos alumnos e até os surdos e os mudos estavam a desenhar e a ler.»

Notemos, de fugida, uma inexactidão. A Casa pia não foi fundada por nenhum D. Pedro. Creou-a em 1780 o intendente geral da policia, Diogo Antonio de Pina Manique, quando para limpar a cidade de muitos rapazes pobres e vadios os mandou para o castello de S. Jorge, onde se lhes dava sustento e educação. Alli permaneceu a Casa pia até á primeira invasão dos francezes no fim do anno 1807, em que foi extinta. Restabelecida em 1812 no convento do Desterro foi por fim transferida para o mosteiro dos Jeronymos em Belem (dec. de 28 de dez. de 1833).

Quanto ao numero dos alumnos, creio que houve tambem engano da parte do nosso viajante, porque em 1842 eram pouco mais de quinhentos e vinte, e nos annos anteriores ti-

nham orçado por trezentos e oitenta, comquanto o decreto de 9 de maio de 1833 fixasse em mil o numero de orphãos de ambos os sexos, não obstante faltarem áquelle instituto meios sufficientes para a sustentação d'elles. Em tudo o mais Thackeray falla verdade. Havia na Casa pia aulas de latim, inglez, francez, grego, philosophia, pintura, musica e declamação; e officinas de carpinteiro, tecelão, ensablador, sapateiro, funileiro e serralheiro. Estavam á conta d'estas officinas quasi todas as obras da casa, competindo ás ultimas tres as que eram necessarias para a iluminação da cidade. As orphãs se ensinavam os lavores proprios do seu sexo, além das primeiras letras; os officios de alfaiate e sapateiro; e a algumas d'ellas musica e desenho.

Entrando n'estas particularidades tive só em mira elucidar as notas d'esta viagem humoristica, porque presentemente quem fôr á Casa pia não vê o que está descripto no livro de Thackeray, e encontra fechadas quasi todas as aulas e officinas.

Agora o que elle não ponde aturar foi a musica dos alumnos cegos da Casa pia que ainda hoje na praça dos touros faz as delicias dos amadores do *sol*. Quizeram os pobres cegos brindar as visitantes com um concerto e pizeram-se a tocar e a assoprar nos instrumentos. Que obsequio! Faz-me isto lembrar os musicos e a fornalha de Babilonia.

Quando foi da dedicação da estatua de ouro, que media sessenta covados de alto por seis de largo, e tinha sido levantada no campo de Dura por Nabuchodonosor, rei de Babilonia, concorreram a esse acto os sátrapas, os magistrados, os juizes, os capitães, os tyrannos e os senhores constituídos nas primeiras dignidades e todos os príncipes das provincias. Estavam em pé deante da estatua e um pregoeiro clamava em alta voz que no ponto em que ouvissem o som da trombeta, e da flauta, e da cithara, e da harpa, e do salterio, e da viola, e de todo o genero de concertos musicos (uma verdadeira Babilonia!) se lançassem todos por terra, em adoração á estatua de ouro do rei Nabuchodonosor; e que se algum, porem, a não adorasse prostrado seria na mesma hora lançado n'uma fornalha ardente.

A historia antiga e moderna, comprehendendo as letras sagradas e profanas, nenhum exemplo me offereceu.

#### Horrendo, fero, ingente e temeroso

tirante esse que citei do livro de Daniel. Pois ao grande medo que põe nos corações e nos ouvidos de toda a gente que, Deus louvado, não é surda, a musica dos alumnos cegos da Casa pia, só pôde sem verdade comparar-se o tremendo pregão de morte n'uma fornalha ardente lançado aos ventos da terra pela trombeta, a flauta, a cithara, a harpa, o salterio e a viola do rei Nabuchodonosor!

Thackeray ficou horrorisado d'esse concerto pavoroso. Crisparam-se-lhe os nervos, e a escuma do sarcasmo branqueou-lhe os labios. Elle e a mais tropa desejaram ser tambem surdos n'aquella occasião. E foi com a penna molhada em fel que dos musicos da Casa pia escreveu o que ahí vai: «Estes pobres diabos fizeram um barulho tão infernal que até como mendigos cegos muito difficilmente poderiam ganhar o pão nosso de cada dia a tocar d'este feitiço!»<sup>1</sup>

ALBERTO TELLES.

## Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas

### FESTAS ANTERIORES

(Continuado do n.º 59)

O filho que a fallecida rainha dera a D. Manuel morria em Granada a 20 de junho de 1500.

Estava pois o rei sem prole, e desfeitos todos os sonhos e projectos da união das tres coroas de Portugal, Castella e Aragão.

<sup>1</sup> Vej. o *Panorama de 1842*, pag. 140, e o *Relatorio da Administração da Real Casa Pia de Lisboa*, por José Maria Eugenio de Almeida (1861).

Ninguém pôde explicar o que teria sido a península, se D. Miguel da Paz não houvesse morrido, e tivesse empunhado o triplos ceptro.

Tal successo porém trouxe grande desgosto ao pae e aos avós. Estes que presavam muito a alliança de D. Manuel, propozeram-lhe o casamento com a infanta D. Maria, terceira irmã da fallecida, já que a immediata e agora successora da coroa, se achava casada.

Por esse motivo mandou D. Manuel á corte de Hespanha, o seu camareiro-mór D. João Manuel. Quando porem este se achava diligenciando o contracto falleceu, e D. Manuel, enviou logo a substituí-lo Ruy Sande, homem muito considerado, e muito acceto aos reis catholicos, desde a guerra e conquista de Granada, onde, sob seu mando, militara.

Tratou-se o casamento, assentaram-se as condições, foram celebradas as nupcias por procuração em Lisboa, e nos fins de setembro, princípios de outubro partiu a noiva de Granada. Era acompanhada por um luzido cortejo de fidalgos, vindo encarregado de a entregar, na fronteira, o arcebispo de Sevilha, patriarcha d'Alexandrina.

A entrada foi pela Villa de Moura, onde a infanta chegou nos ultimos dias de outubro. Para alli tinha partido o duque de Bragança encarregado de a receber, levando em sua companhia D. Alvaro e D. Affonso, bispo d'Evora, seus tios; D. Rodrigo de Mello, que depois foi conde de Tentugal, o pequeno marquez de Ferreira, os condes de Marialva e Loulé, e uma numerosa comitiva de fidalgos. Era brilhante a comitiva havendo por toda a parte as festas do costume, chegando finalmente a Alcacer do Sal, onde D. Manuel esperava a sua nova esposa, e onde com ella se recebeu a 30 do referido mez.

Passaram annos, a rainha deu larga prole a D. Manuel, mas infelizmente, falleceu em 1517 a 7 de março com 35 annos de idade.

D. Manuel era honesto, e ou fosse que não pudesse accommodar-se com a solidão do leito, ou porque um presentimento do futuro o levasse a querer deixar basta descendencia que assegurasse o imperio, que elle tanto dilatara, em mãos portuguezas, pouco tempo depois de viuvo começou a entender em novos desposorios. Para esse fim mandou a Hespanha um homem de sua inteira confiança, de conselho, prudente, avisado e secretario, Alvaro da Costa, seu camareiro. Ia elle ostensivamente enviado a cumprimentar Carlos I (mais conhecido pelo nome de Carlos V imperador d'Alemanha) que havia chegado de Flandres.

Ao mesmo tempo que preparava o animo de Carlos para o seu casamento com a infanta D. Isabel, filha de D. Manuel, tratava do enlace d'este com a irmã d'aquella monarcha, a formosa Leonor.

Dizem alguns que primeiro houvera intenção de tratar este casamento para o príncipe D. João, mas não parece isso muito razoavel.

A infanta que apenas contava vinte annos, pois nascera a 13 de novembro de 1498 era dotada de uma belleza surpreendente.

Tratado o casamento, estabelecidas as condições, chegou a nova a Portugal, o que alegrou sobremaneira el-rei. Quem não gostou muito foi o príncipe e os seus amigos.

D. Manoel para lhes impôr silencio, convocou um dia toda a corte, a quem participou a grande nova que desannuviava o seu coração. Todos lhe beijaram a mão, como era estylo, sendo o primeiro o príncipe, seguindo-se os mais fidalgos e grandes da corte, beijando-lha em ultimo logar Pero Carvalho e Danião de Goes, que ainda serviam só de pelote, unicos que até então haviam sido admittidos áquelles actos em capa.

Tratou então o monarcha de activar o consorcio e partiu algum tempo depois para o Crato.

Celebrado o casamento por procuração ainda em Saragoça, partiu a Infanta D. Leonor acompanhada de uma brilhante comitiva em que se notavam o bispo de Placencia, conde de Monte Agudo, de Alva de Lista, almirante das Antilhas, etc., para a fronteira de Portugal, indo á frente d'ella e encarregados de entre-

gar a infanta os duques de Alva e o bispo de Cordova.

Chegados á fronteira já allí se achava o duque de Bragança acompanhado de 100 albardeiros e mais de 300 cavalleiros armados; e um numeroso cortejo de fidalgos portuguezes, entre os quaes sobresahiam o arcebispo de Lisboa, bispo do Porto, condes de Teutugal e de Villa Nova, D. Martinho de Castello Branco etc., formando todos uma comitiva de mais de dois mil cavalleiros.

Os castelhanos pararam além da Ribeira de Sever, e os portuguezes do lado d'aquem, e assim estiveram algum tempo, como em cortezia, sem que de um ou outro lado se movesse ninguém, ouvindo-se durante todo o tempo o som das trombetas, charameillas, etc.

Passado este tempo sahiu d'entre os portuguezes o conde de Villa Nova, que atravessou a ribeira, foi beijar a mão á infanta, que se achava a cavallo entre o duque d'Alva e o bispo de Cordova, depois foi o conde Teutugal, o bispo, o arcebispo e toda a mais nobreza, que procederam do mesmo modo. Acabado este acto a infanta rainha atravessou a raia acompanhada da sua comitiva, para onde estava o duque de Bragança que se adiantou a cumprimental-a, apeando-se e beijando-lhe a mão. Então o de Alva depois de ver a procuração del-rei que o de Bragança lhe apresentou, se adiantou trazendo a infanta, e pegando por uma cadeia de ouro que a ella estava presa, fez entrega solemne da sua pessoa. Durante todo aquelle tempo o estrondear das bombardas, o ruído das exclamações, dos fogos de artificios enchiam os ares de sons alegres e risonhavam a paisagem.

D'alli moveram para Castello de Vide onde pernolaram, e no dia seguinte no meio do maior regosijo, chegavam ao Crato. Allí a rainha e a sua comitiva descansou todo o dia, e depois de ceiar, ás nove horas da noite chegou el-rei. Então houve beijamão, e sarau, e n'essa mesma noite, 24 de novembro de 1518, os recebeu o arcebispo de Lisboa.

Nem ao principe, nem aos infantes consentiu a rainha que lhe beijassem a mão, antes os tratou com a maior distincção e affecto de irmã; e que ainda mais patenteou com as infantas D. Isabel e D. Beatriz, pois quando chegou a Almeirim, vendo que ellas desciam da varanda para a receberem, saltou rapidamente da linda faca em que montava, e subiu tão ligeira a escada, que as encontrou ainda a meio d'ella, não consentindo que lhe beijassem a mão, levando-as nos braços, abraçando-as e beijando-as com o maior prazer. Que lindo grupo não formariam as tres formosissimas princezas!

Esta gentil princeza que apenas foi tres annos casada, ainda deu dois filhos a D. Manuel, um por nome Carlos, que morreu creança e outro a infanta D. Maria, uma das princezas mais instruidas e notaveis do seu tempo. D. Manuel fallecia passados tres annos, a 13 de dezembro de 1521, e a rainha D. Leonor casou passado algum tempo, para satisfazer á vontade de seu irmão, com Francisco I de França. É um vulto muito sympathico o d'esta formosa e pouco feliz princeza.

BRITO REBELLO.

## DE BUENOS AIRES Á PAMPA

POR CORDOBA

(Continuação)

Tinha a sala, que serviu de prisão a Atahualpa, vinte pés de comprimento e dezesseis de largura; e como o filho do sol desde logo percebesse que a unica paixão dos conquistadores era o ouro, para recuperar a sua liberdade offereceu-lhes encher do luzente metal aquella sala, até onde a sua mão podesse alcançar.

Acceita Pizarro o opulento resgate, e Atahualpa ordena aos seus subditos que conduzam ali todo o ouro dos seus palacios e templos.

Diz-se que Huascar, preso no momento por Atahualpa, offerecera aos hespanhoes um resgate maior pela propria liberdade, mas que sabe-

dor d'isto Atahualpa, seu adversario, o mandou assassinar na prisão com receio do predomínio que por semelhante facto poderia alcançar.

Almagro e outros, adivinhando o secreto pensamento de Pizarro, que nunca pensou seriamente em cumprir a sua palavra ao Inca, pediram em grita a morte d'este, e com tanta maior impaciencia, quanto é certo que não estava ainda cheia a medida marcada na prisão, e que já começava a escassear o ouro que era levado ali ás toneladas, de todos os pontos do paiz, especialmente de Cuzco e de Quito.

Era tempo de repartir o despojo.

Para cumulo de desgraça o pobre indio acabava de descobrir que Francisco Pizarro não sabia lér, quando, preocupado por este adiantamento para elle desconhecido (os peruanos escreviam só por meio de quipos), pedia a varios que lhe lessem as mesmas palavras escriptas, as quaes não poderam ser decifradas pelo altivo conquistador, que soffreu todo o peso da sua ignorancia, e até o manifesto desprezo do proprio Inca que, em sua illustração, o reputou desde logo inferior aos mesmos soldados.

Resolve, finalmente, Pizarro o assassinio do Inca, mas, como o fazem os grandes malvados no poder, chama em seu auxilio o aparato das leis para dar aos seus crimes e vinganças a apparencia da rectidão. O Perú achava-se em estado de sitio.

Pizarro, Almagro e dois conselheiros foram os juizes. Houve fiscal e defensor; houve toda a farça dos grandes hypocritas costumados a zombar da justiça com a mascara da propria justiça. Foi condemnado á morte por haver mandado matar seu irmão e por idolatra!...

Segundo a sentença, devia de ser queimado vivo; mas o reverendo Valverde interpõe novamente a sua influencia official, e sob a condição de que a victima abraçasse o catholicismo, commuta-se-lhe a pena pela da estrangulação, que é executada na praça, amarrado a um poste, na presença de Almagro e Valverde, em 29 de agosto de 1533. Não de outra sorte que Philippe II manda envenenar D. João de Austria, e matar, com as formalidades de um tribunal, seu proprio filho, o principe Carlos, Pizarro annos antes serve de exemplo áquelle monstro sagaz, assassinando, do mesmo modo, e pelas mesmas causas, a conveniencia politica.

Felizmente, para honra da nação hespanhola, entre esses aventureiros entregues a todos os excessos e sahidos da sua patria para conquistar o Novo Mundo, muitos havia que conservavam sentimentos de honra e de generosidade dignos do nome castelhano, e este crime não se realisou sem uma opposição séria da parte d'elles. Alguns officiaes, especialmente os de mais alta reputação e das mais nobres familias, protestaram energicamente contra semelhante juizo, como deshonoroso para a sua patria, e contrario a todas as maximas da equidade; ajunctando que era violar o direito publico das nações e usurpar a um soberano independente uma jurisdicção a que nenhum direito se tinha.

Infelizmente bastam esses kaimakams e os seus actos infames para manchar o nome de uma nação inteira; e a Hespanha com toda a sua fidalguia não pode impedir que, fallando d'aquelles actos de barbarie, os historiadores digam: *os feitos dos conquistadores hespanhoes.*

— Desgraciadamente tambien, ajunctou Santiago Estrada, no es solo la España la que en vez de recoger para su nombre las acciones de sus buenos hijos, carga con la falacia y la crueldad de los malos; con la codicia de los grandes juglares de la escena politica.

— Y asi, amigo, acudiu Baletto, villanamente ahorcado en la plaza pública de Caxamalca el infeliz Atahualpa, cuyo cadáver permanece en ella toda la noche, hácese al día siguiente por su alma lo que no se tuvo la compasion de hacer por su existencia y la de miles de sus subditos, asesinados á mansalva; se pide á Dios por su descanso eterno... Farsantes!

— Pillos! concluiu Cobo.

(Continúa).

F. D'ALMEIDA.

## UMA FANFARRONADA

Acabava de contar uma anedocta — a *azeitona de Sevilla* — quando da roda que me ouvia se levantou um sujeito, e disse:

— Não fica sem resposta. Se gosta de fazer collecção de anedoctas, tome lá conta d'esta.

E principiou assim:

«Havia a feira da semana em Valença. Ainda o dia estava em casa do Deus Padre — que é como se costuma dizer lá p'ros meus sitios e já por todos aquelles atalhós, que vinham das aldeias proximas, era enorme a concorrencia.

E não admirava que assim fosse! Estava-se no principio de Março, e nas semanas anteriores era tanta a chuva, era tanto o frio e o vento, que se não podia arredar um pé de casa! Veio depois o sol, um sol regalado de primavera, mais limpido e mais alegre; porque até parece que o ar estava então mais lavado.

O povo para a feira era tanto como se fosse para a romaria! E toda a gente caminhava muito alegre, muito ligeira, a palrar por ali fóra».

O homem interrompeu a narrativa, e perguntou-me, batendo-me no hombro:

— O sr. «Alberto tem visto um formigueiro?

— Não tenho visto outra cousa respondi eu.

— Pois então ha-de saber que ás formigas, em chovendo, ninguém lhes põe a vista em cima; mas em vindo um dia de sol, apparecem logo todas a labutar pela vida. Não é assim?

— É assim mesmo.

— Com a gente que vae ás feiras de Valença dá-se a mesmíssima cousa, que o sr. vê nas formigas.

E proseguiu depois:

«Eu ia tambem vender um par de bezerrinhos á feira; e se quer que lhe diga, custava-me bem ouvir os vitellos, que iam sempre a bramar pela mãe que lhes ficára presa no curral.

Ficava na estrada, quasi ao entrar na villa, a casa do meu compadre Joaquim ferrador. A casa até á beira do caminho, com uma varanda de pau larga, assente sobre dois pilares e que sae para fóra a modo d'um alpendre. Á sombra da varanda é que elle tem o seu banco de ferrador. E ainda uma pessoa vem longe, e ouve logo o diabo do meu compadre o martellar nas ferraduras.

D'essa vez vou eu a chegar, e enxergo dois homens parados no meio da estrada, a olharem para mim, com as mãos sobre os olhos por causa do sol.

— Um d'elles é o compadre — disse eu comigo.

Não me enganei. Estava elle e mais outro homem, um cigano da raia, que vinha allí para que lhe ferassem a besta.

Diz-me o compadre:

— Estava á sua espera, homem; porque você é homem de pulso.

— De que?

— De pulso, de força; é um homem valente.

E, ao dizer isto, o meu compadre pega-me no braço, arregaça-me a manga, e mostrando o meu pulso ao cigano, berrou:

— Olhe para isto! Hein! É d'uma canna só.

Os homens queriam que eu lhes tivesse mão na perna do cavallo, que não queria deixar cravar a ferradura.

Eu seguro a pata do cavallo, seguro-a bem, com pulso, com força, e digo:

— Ora dê para ahí, compadre.

Mas (o cavallo tinha o diabo no corpo) á segunda martellada, era tal a força que eu tive de lhe largar a perna.

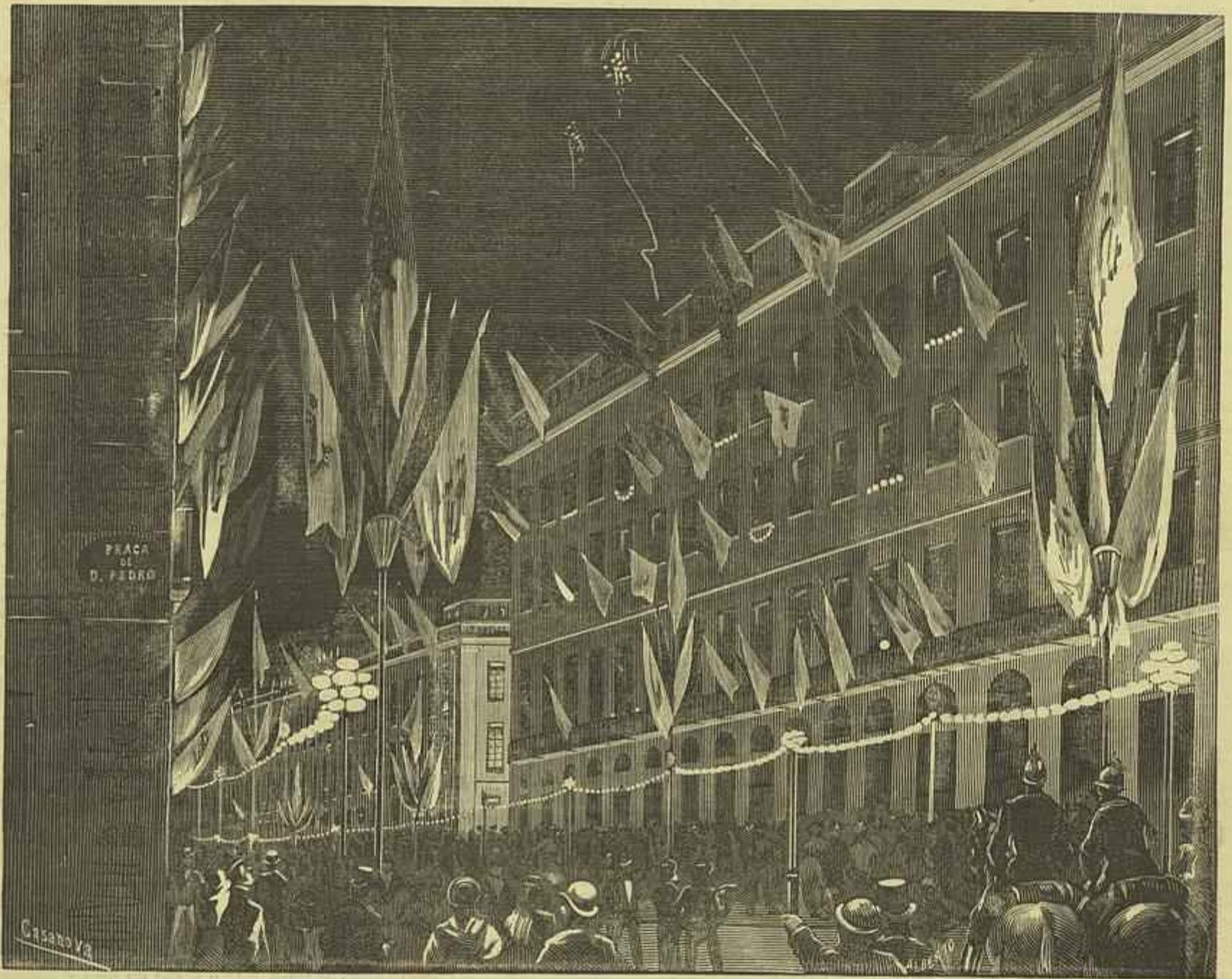
Ora agora ahí vae a historia.

N'este lance passa um hespanhol, vestido de jaqueta de pelles, bem montado n'uma egua preta. Parou a observar; e, quando viu que eu não fazia nada, berrou de cima da egua:

— Esperem que eu lá vou.

Eu arregalei os olhos para o homem, o meu compadre arregalou os olhos para mim e o cigano arregalou os olhos para o meu compadre.

Apeou-se o hespanhol, despiu a jaqueta, apertou mais as voltas da facha, arregaçou os



FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES — ILLUMINAÇÃO NA RUA AUREA (Desenho do natural por Casanova)

punhos e adiantando a perna direita, segurou a pata do cavallo, assentou-a sobre os joelhos, e disse para o compadre:

— Dê á vontade!

Não lhe conto nada! Á primeira martellada, o cavallo atira um coice, o hespanhol vae parar ao muro da outra banda, fica de narizes esmurrados; e, ao levantar-se, principiou a procurar pelo chão, d'um lado e d'outro, perguntando com uma voz de fanfarrão:

— *Pero la pierna del caballo?*

Como se a tivesse levado!

ALBERTO BRAGA.

## BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

DESCRIPÇÃO GERAL E HISTÓRICA DAS MOEDAS CUNHADAS EM NOME DOS REIS E GOVERNADORES DE PORTUGAL. — É o terceiro volume da importantíssima obra empreendida pelo dr. A. C. Teixeira d'Aragão que tanta intelligencia, tenacidade tem posto ao serviço d'este trabalho notabilissimo, apreendido já hoje e julgado por nacionaes e estrangeiros. Havemos de ter occasião de fallar mais detalhadamente da obra e por isso n'este lugar nos limitamos a accusar a sua recepção e annunciar-a aos estudantes.

— A DESCOBERTA DA INDIA. — Ordenada em typografia, por mandado d'el-rei D. Manuel. Documento inédito do século XVI. É um folheto de 15 paginas nitidamente impresso, publicado pelo sr. J. A. da Graça Barreto em commemoração do terceiro centenario de Camões.

É curioso a todas as respeito para a historia da nossa

arte e das nossas descolherias e merece ser lido pelos que presam os estudos patrios.

— A LUZ DE CAMÕES. — Poesia por Alvares de Paiva de Faria Leite Brandão. E ainda uma pagina de versos, inspirados pelo tricentenario do grande epico. Ha n'ella um são enthusiasmo, indice d'uma alma creta e vigorosamente inspirada pelo amor da patria.

— OS LUSIADAS. — Edição de Emilio Biel Porto. 1.<sup>o</sup> Fasciculo. D'esta monumental obra já temos fallado por muitas vezes. Recommendamos hoje este especimen ao leitor, que assim terá occasião de reconhecer que não são exagerados os elogios tributados ao corajoso editor do Porto.

ALBUM LITTERARIO. — Publicado por Francisco Xavier Esteves. — Porto É um verdadeiro primor typographico, além d'um bello repositório de excellentes concelhos em prosa e verso de muitos escriptores, portuguezes, castelhanos, catalães, francezes, italianos, inglezes, alemães, etc. Commemora o terceiro centenario de Camões, e não é das menos radiantes flores, collocadas pela nossa geração, na fronte do grande epico.

— O AMOR DOS AMORES. — Por Henrique Peres Escrição. Mais tres volumes da excellente bibliotheca do Quir da Aldeia. Esta obra é trasladada para a lingua portugueza pelo sr. Cruzeiro de Seixas. Não desmerece das precedentes do mesmo author, nem nos intuítos moraes nem no entreccho do romance.

## AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido, gratis a todos os actuaes srs. assignantes e correspondentes, um supplemento.

— A procissão civica em Lisboa no centenario de Camões.

Tambem tem direito a este supplemento e aos mais publicadas n'este anno, todas as pessoas que se subscreverem assignantes por um anno.

Para os srs. compradores avulso o preço do supplemento é de 400 réis e com o jornal 500 réis. O jornal só 120 réis.

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:  
Estão pelos telhados e p'as janellas  
Moços e velhos, donas e donzelas.

LUSIADAS.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES - Typ. LISBOA  
4 Rua do Tesouro V. Ho, 6